

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 20 DE JUNHO DE 1996

*Senhor Ministro da Fazenda, Dr. Pedro Malan; Senhores Ministros; Dr. Gustavo Loyola, Presidente do Banco Central; Dr. Félix de Bulhões, representante dos empresários; Senhores Diretores do Banco Central Senhores investidores; Senhoras, Senhores;*

O essencial, a respeito desse censo, já foi dito pelo Ministro Pedro Malan e pelo Dr. Félix de Bulhões. Quero, apenas, reafirmar aquilo que, de maneira mais precisa, foi enunciado pelos que me antecederam, ou seja, a importância não só do censo, como deste momento e da participação do capital estrangeiro no investimento produtivo no Brasil. Acredito que nós teremos o ensejo, com a realização desse censo, de avaliar melhor o significado dessa presença, significado que, a meu ver, se conta não apenas em termos de recursos que são transferidos para cá, mas sobretudo em termos de tecnologia e em termos de articulação com a economia internacional.

Hoje, não estamos apenas cuidando – embora cuidemos disso com muito afincamento – de ter mais recursos. Nós queremos ter recursos num outro sentido, não só de dinheiro, mas de competência; compe-

tência tecnológica, competência política no relacionamento com outros países e competência no sentido mercadológico.

Acho que essas transformações pelas quais o Brasil passa requerem essa presença forte. É claro – os dados já foram aqui mencionados –, houve aumento significativo, sobretudo neste ano, da participação de investimentos diretos vindos de fora, que já alcançaram mais de 3 bilhões de dólares: 3,3 bilhões até maio. Isso, comparado com o ano passado, que já foi um ano melhor, pois no ano todo chegamos a 3 bilhões, e com o ano anterior, quando chegamos a 1,9 – para não ir mais para trás, quando caiu muito –, é um sinal alvissareiro.

Mas é preciso que nos recordemos de que, até 1980, nós éramos o sexto país em termos de investimento estrangeiro, hoje somos o décimo quarto; e que a proporção de recursos que vêm para o Brasil, hoje, é muito pequena, é 1% do que se desloca; já foi 5%. Então, há muito espaço para crescer.

Esses sinais são apenas o começo de uma nova fase, em que precisamos realmente incentivar a vinda, para o Brasil, de empresas, das *joint-ventures* e de todas as formas possíveis de cooperação produtiva.

É preciso lembrar, também, que, junto com essa modificação já mencionada, quantitativa, no que diz respeito a investimento direto, houve também uma modificação no que diz respeito à forma de financiamento. Os financiamentos de longo prazo são, hoje, muito mais vultosos e o prazo de financiamento se ampliou também, de tal maneira que podemos imaginar que chegemos até, neste ano, a uma soma ao redor de 20 bilhões de dólares, em termos de financiamento de longo prazo. E a média atual de financiamento é de cerca de 6,7 bilhões de dólares por ano.

Isso tudo responde aos críticos, como disse o Ministro Pedro Malan, pouco conhecedores, muitas vezes, da realidade nacional, que falam freqüentemente que reservas se evaporam. Evaporam-se quando não são sólidas. As nossas, hoje, são crescentemente sólidas.

De modo que nós temos condição de participar da divisão internacional do trabalho com muita tranqüilidade. A estabilização da nossa moeda está ancorada numa base bastante sólida no que diz

respeito às reservas. Mas está ancorada, também, nas decisões políticas, está ancorada nas reformas que estamos implementando. Todas as pessoas sabem das dificuldades que existem em qualquer processo de mudança, sobretudo quando implica mudança de mentalidade, que é o que estamos fazendo no Brasil.

Não se trata simplesmente de um ato – o Ministro Malan insistia muito na palavra “processo”, e, hoje, o Dr. Gerdau falou muito de processo; gosto, também, de falar de processo. Mudança é um processo, não é um ato isolado: são vários atos. E se resolvem as mudanças não porque o Presidente teve a decisão e assinou um decreto ou mandou uma lei para o Congresso, ou mesmo porque o Congresso votou a lei: é toda uma readaptação que implique mudança cultural.

O fato, mesmo, de fazermos hoje um censo de capital estrangeiro no Brasil é uma mudança cultural. No passado, se se fosse falar disso, iam imediatamente dizer: “Ah, é porque vão controlar, é porque vão desapropriar.” Agora, aqui se faz esse censo com cooperação, que é sinal de uma mudança muito grande. Ninguém está aqui temeroso da presença do capital estrangeiro, porque estamos conscientes da importância dele e também da nossa própria capacidade de governo, de Estado, de país, de indústria, de enfrentarmos os desafios da competição, que são óbvios.

Por todas essas razões, continuo muito confiante nas transformações que estão ocorrendo no Brasil e muito confiante em que vamos continuar tendo mais apoio, do ponto de vista dos capitais externos que para aqui se dirigem. Acredito que, dentre esses atos, que podem parecer simples, uma decisão do Banco Central de fazer um levantamento desse tipo é um ato que mostra, exatamente, esta confiança; Confiança que tem que ser, como toda confiança, recíproca.

Para finalizar, quero lhes dizer o que tenho dito, nos últimos tempos, e vou repetir: não estamos assistindo, no Brasil, simplesmente a um processo de aumentar o mesmo. Não, nós estamos mudando a qualidade do nosso processo econômico, social e político, estamos transformando o capital que vem para cá, e é bem-vindo. E é ainda mais bem-vindo quando vem para inovar, e não, simplesmente, para reproduzir

o que já existe: são novas tecnologias, são formas de produção de que nós, talvez, não tivéssemos conhecimento até há pouco. É a disposição de transformar o Brasil, efetivamente, num ponto de apoio para o processo de globalização. Isso é o que conta.

O que conta é que, nesse novo mundo que está sendo criado, nós estamos nos situando de maneira competitiva e de maneira estratégica. O Brasil tem um rumo. O Governo tem consciência desse rumo, implementa esse rumo. As coisas não são feitas à matroca – hoje é uma coisa, amanhã é outra coisa. Não. As coisas são feitas dentro de um contexto bastante claro. Temos uma visão estratégica do que seja bom para o País, de quais sejam as necessidades do País.

E é nesse contexto, de um país que se transforma e que está se preparando para entrar no próximo século com uma posição melhor, não só em termos abstratos, de crescimento econômico, mas em termos concretos, de bem-estar da sua população, que nós estamos aqui dizendo que vamos precisar de mais capitais. E temos certeza de que os teremos.

Esse censo, espero, mostrará que houve avanço, mas mostrará, também, ao mundo todo que ainda há muito espaço para investir. E eu os convido a continuarem o investimento.

Muito obrigado aos senhores.